

O PROFESSOR EDUCADOR E AS CLASSES DE EJA

ANA PAULA LOURENÇO DIAS¹

FAMÍGLIA CRISTINA NEVES MARTINS BRAGA²

FERNANDA FRANQUINI POLTRONIERI³

Atualmente, discutir sobre desafios da educação se tornou tarefa fácil, considerando os gigantescos obstáculos que encontramos quando nos dispusemos a assumir verdadeira postura de educadores. Educar nunca foi tarefa simples, e as críticas da sociedade têm por base dois pontos extremos: educadores que fazem barganha por dinheiro de suas tarefas diárias e educadores apaixonados pelo ato de lecionar, encantados com a maravilhosa arte que só um mestre é capaz de reconhecer e vislumbrar. Quando, no entanto deveriam analisar o profissional de educação e suas atitudes como apaixonados sim, mas também ousados, com direitos e reivindicações que de maneira nenhuma podem deixar de ser feitas.

[...] É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com, esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo 'do emocional'. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer *não* à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-la, com vantagens materiais. [...] (FREIRE, 1997, p. 8)

É difícil conceber a idéia de que uma profissão que serve como base para tantas outras, não seja reconhecida como pelo menos uma das mais importantes. É vergonhoso admitir que os profissionais de educação hoje sejam mais mal remunerados que ambulantes, não querendo desmerecer nenhum trabalhador da classe, apenas reconhecendo os anos de estudo e dedicação a projetos e planejamentos necessários para exercer com competência o serviço docente. Quando este trabalho é exercido com alunos de EJA, as coisas ficam ainda mais difíceis. Os jovens e adultos sabem identificar claramente a precariedade do sistema e as dificuldades enfrentadas pelo corpo docente na realização desta árdua tarefa de educar.

Partindo desta capacidade de percepção aguçada, principalmente dos jovens, podemos começar a entender as causas de terríveis crises vividas entre alunos e professores dentro de instituições de ensino, principalmente quando são públicas. Estas crises são

muito bem esclarecidas por Dayrell (2005), pois tanto aluno quanto professor são pessoas marcadas por lutas diárias, com variáveis situações de crises e frustrados com sua atual situação. Ou será que algum jovem se sente realizado em cursar a quarta série aos dezesseis anos?

Na educação de jovens e adultos precisamos contar com profissionais abertos à troca de experiências, dispostos a aprender com o outro, que vibram com o avanço da aprendizagem em seus alunos e acreditam em suas capacidades, respeitando as diferenças sociais, culturais, religiosas, enfim, respeitando o direito do outro em ser ímpar, mas ao mesmo tempo sendo respeitado em seus direitos.

Brandão, quando se refere ao método Paulo Freire, nos diz:

[...] ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação deve ser um ato coletivo, solidário – um ato de amor, não pode ser imposta. Educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado [...] Há sempre educadores-educandos e educandos-educadores. De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende (BRANDÃO, 2006, p. 21-22).

Apresentamos neste texto a experiência vivida/construída junto a um grupo de jovens e adultos trabalhadores que estão matriculados em classes de EJA oferecidas em uma escola pertencente ao Sistema Municipal de Ensino de Vitória (ES). Nossas discussões tomarão por referência as análises e estudos desenvolvidos por Brandão (2006), Freire (2007) e Romão (2005).

O FAZER PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DA EJA

É realmente estarrecedor poder comprovar que em pleno século XXI ainda temos tantos analfabetos num país que fala tanto em priorizar a educação. Pesquisas comprovam margens elevadas de brasileiros que sofrem com a falta de domínio sobre a leitura e a escrita.

De acordo com os dados do IBGE [(Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)], (apud LIMA, 2007, p. 15-16),

14,6 milhões de brasileiros encontram-se em condições absolutas de analfabetismo, 65 milhões de pessoas não completaram o ensino fundamental e, destas, 30 milhões são consideradas analfabetas funcionais, ou seja, pessoas com menos de quatro séries concluídas – 1ª a 4ª série. O Estado do Espírito Santo apresenta uma taxa de analfabetismo em torno de 10,3% (IBGE, 2003), tendo a cidade de Vitória a concentração de 4,62% desse total, atingindo uma população de 10.224 pessoas.

Partimos para vivenciar essa realidade em uma Escola Municipal localizada no bairro Santa Teresa, no município de Vitória, onde se concentram salas destinadas à Educação de Jovens e Adultos. Ao chegarmos fomos muito bem recebidas pelos professores que ofereciam as classes com tanta boa vontade que até nos preocupou. Dizemos isto, pois maravilhoso seria se os professores relutassem um pouco em ceder suas aulas em função de sua preocupação com o planejamento a ser seguido, por exemplo. Porém, o que percebemos foi que o corpo docente encara sua posição de educador como um pesado fardo que precisam carregar por 200 dias no ano. Perguntamo-nos: com tamanho desinteresse e descaso do corpo docente, que tipo de cidadãos estão sendo formados nos dias de hoje?

Acreditamos, assim como Freire (1997, p. 23), que “[...] não há docência sem discência”, então nos perguntamos mais uma vez sobre o porquê do descaso.

Sabemos também, de acordo com Fonseca (2002), que três valores devem balizar o trabalho dos professores de EJA – honestidade, compromisso com o conteúdo e entusiasmo. Coisas essas que não vimos em nenhum deles.

Romão (2005), também explicita sua indignação quando diz que

[...] na atuação pedagógica deve ser acrescentada a dimensão educativa, que lhe é imputada por força de sua própria definição institucional. O Professor é um educador... e, não querendo sê-lo, torna-se um deseducador. Professor-Instrutor qualquer um pode ser, dado que é possível ensinar relativamente com o que se sabe; mas Professor/Educador nem todos podem ser, uma vez que só se educa o que se é! (ROMÃO, 2005, p. 55)

Foi-nos cedida uma aula para que pudéssemos ter melhor contato com a turma e esta foi muito bem aproveitada, numa descontraída conversa entre uma das pesquisadoras e os alunos de EJA.

No bate-papo mediado pela observadora, fizemos muitas descobertas interessantes. Encontramos alunos de 24 a 90 anos – sendo que a de 90 afirma em dizer ter apenas 45 e durante o recreio a mesma se perde dentro da escola e é preciso que outros alunos ou professores a ajudem encontrar o caminho de volta.

Nesta turma, a maioria é aposentada, são mulheres que relataram que quando jovens não puderam estudar por falta de recursos, casaram muito cedo e então eram os maridos que não permitiam que estudassem afirmando que isto resultaria em uma traição por parte das esposas. Depois vieram os filhos e tudo ficou mais difícil ainda. Hoje se sentem livres, pois a maioria é viúva ou separada, tem seus filhos já criados e

aproveitam o tempo livre para recuperar o tempo perdido. Nesta sala só foi matriculado um homem, pessoa muito educada, bastante tímido, trabalhador braçal, que relatou o quão difícil é freqüentar a escola depois de um longo dia de trabalho.

Foram unânimes em afirmar que não almejam cursar uma faculdade, devido à sua idade, mas que suas vidas mudaram muito depois que aprenderam a ler. Uma senhora afirmou que durante anos trabalhava como diarista e seu sonho era poder ir para o trabalho sem ter que perguntar para quem encontrasse nos pontos de ônibus, o itinerário descrito nas bandeiras dos coletivos, e diz: "Hoje ando prá todo lado sozinha. Vou prá Camburi, prá Praia do Canto, ando tudo sem pedir nada a ninguém".

Trabalhamos as questões políticas para avaliar se são cidadãos críticos ou passivos a tudo, e grande foi nossa surpresa ao ouvi-los relacionar questões apresentadas nas telenovelas atuais com sua realidade. Encontramos uma aluna que questionou quando dissemos que somos cidadãos livres: "Eu não sou livre. Se eu fosse livre eu não pagava água, luz, não teria que trabalhar, entrava numa loja e não ia precisar pagar nada. Eu não sou livre". (A senhora que levantou esta questão está sendo integrada ao grupo há pouco tempo).

Uma questão que nos intrigou muito foi a que observamos a respeito do nível de escolaridade em que aqueles alunos se encontravam. Grande foi nosso espanto ao ouvirmos explicação da regente de sala, que a mesma era dividida em três níveis: alfabetização, 2ª e 3ª séries e 4ª série, se preparando para iniciar no próximo bloco equivalente ao antigo ginásio.

Imediatamente nos recordamos das escolas de interior que ofereciam salas multiseriadas.

Outra reclamação que muito nos incomodou ouvir foi a de que faltam recursos para as aulas de EJA, eles informaram que se sentem excluídos e que o governo só investe nos turnos diurnos deixando-os sem sequer material didático.

Findamos nossa intervenção com muitos abraços e beijos. Uma aluna pediu para que voltássemos, pois ela gostou muito de nossa "palestra".

Despedimos-nos sem nenhuma vontade de partir e levando muita vontade de nos dedicarmos a esta área da pedagogia. Podemos sentir a força de vontade, a garra e a determinação dos alunos, coisa que em outros grupos não sentimos.

Depois da intervenção diretamente com os alunos, fomos para uma entrevista coletiva com os professores e o coordenador. Constatamos que o corpo docente não tem

formação acadêmica específica em EJA, o que dificulta o trabalho dos professores e a aprendizagem dos alunos. O planejamento é feito aleatoriamente pelos professores sem contar com o apoio pedagógico que julgam necessário para um crescimento significativo no processo educacional.

Basicamente, o despreparo dos professores é a principal reclamação dos mesmos. Quando questionamos sobre a formação continuada, recebemos a informação que a SEME (Secretaria Municipal de Educação) proporciona encontros para capacitação, porém esta capacitação é opcional, o que acarreta numa baixa frequência dos profissionais nesses encontros. Consequentemente, os professores continuam despreparados e os alunos cada vez mais defasados.

Temos consciência que não existe um método pronto, fechado para a EJA e Brandão (2006) nos esclarece isso através do método Paulo Freire. Apesar de parecer contraditório, o termo "Método Paulo Freire", na verdade, nos ensina que este método o professor desenvolve a partir da turma e do meio em que ela está inserida. Ou seja, este método vem contra as cartilhas previamente elaboradas com lições infantilizadas que em nenhum momento levam em consideração as experiências vividas por estes jovens e adultos que já chegam ou retornam à escola com uma bagagem de conhecimentos adquiridos no decorrer de sua vida, que conforme Freire, de maneira nenhuma pode ser desconsiderado ou ignorado.

A valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, a sua "leitura de mundo", dá o suporte para o desenvolvimento da oralidade, base da aprendizagem da leitura e da escrita. É preciso dar voz aos jovens e adultos, resgatar suas histórias, seus "causos", fazê-los interagir com os textos, levantando hipóteses, validando-as ou não, mesmo que a leitura inicial seja realizada pela voz do alfabetizador. É nessa interação entre os seus conhecimentos prévios e os conhecimentos presentes nos textos que os alfabetizados vão construindo os seus possíveis sentidos. (GOBETTI, 2007, p. 85)

Sendo assim, a formação continuada se torna ainda mais importante, já que ao invés de apresentar atividades prontas, irá trabalhar no professor sua importante posição em relação ao outro, o respeito às diferenças e orientá-los a trabalhar os sentimentos juntamente com o conteúdo da melhor forma possível. Tendo em vista que não temos hoje em nossas escolas públicas profissionais com formação específica em EJA e não podemos apenas deslocar ou dispensar os que já têm suas cadeiras garantidas por aprovações em concursos.

Por isso também o próprio método de alfabetização que Paulo Freire pensou funciona de tal sorte que realiza, dentro do *círculo de cultura*, a prática do diálogo que o sonho do educador imagina um dia poder existir

no *circulo do mundo*, entre os homens, aí sim, plenamente educadores-educandos de todas as coisas. Daí surge a própria idéia de *conscientização*, tão nuclear em Paulo Freire. Ela é um processo de transformação do modo de pensar. É o resultado nunca terminado do trabalho coletivo, através da prática política humanamente refletida da produção pessoal de uma nova lógica e de uma nova compreensão de Mundo: crítica, criativa e comprometida [...] (BRANDÃO, 2006, p. 108-109).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do conjunto de reflexões que sistematizamos consideramos fundamental que no trabalho com alunos com deficiência, os professores além de possuírem a formação acadêmica, precisam também de formação continuada e em serviço. Não se pode admitir que haja superficialidade em algo tão sério e tão importante.

Além dos profissionais competentes e comprometidos é necessário que haja espaço físico adequado. Muitas escolas ainda não foram contempladas com esta adequação estando, portanto, impossibilitadas de atender estes alunos. É preciso criar condições para educar pessoas.

Faz-se vital que o profissional da educação esteja capacitado a valorizar e integrar em sua prática pedagógica os saberes que os jovens e adultos possuem, apropriando-se da riqueza cultural produzida no decorrer da vida de cada um.

Ser cidadão, como diz Freire (1999), é ser o ser político capaz de questionar, reivindicar, participar, ser militante e engajado, contribuindo para a transformação de uma ordem social injusta e excludente.

A clientela da EJA precisa de profissionais comprometidos e entusiasmados e também precisa ser melhor observada e respeitada pelas políticas públicas, porque é composta por pessoas que provém de situações muitas vezes marcadas pela discriminação, defasagem, problemas financeiros, perdas familiares que os levam a assumir responsabilidades que os impossibilitam de freqüentar a escola enquanto crianças.

No entanto, é preciso realçar que foi encontrada uma situação contraditória, com interesses opostos, especialmente por parte dos professores da escola visitada.

É preciso estar atento para que a EJA não contribua para reforçar as condições e práticas que ajudem a manter a injustiça e as desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. 27. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude e a Educação de Jovens e Adultos. In: SOARES Leôncio, GIOVANETTI Maria A., GOMES Nilma L. (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FONSECA, Maria da Conceição. **Educação matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** – cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GOBETTI, Eusdete de Jesus Trabach. A prática da linguagem na alfabetização de jovens e adultos. In: LIMA, Ana Christina de Abreu A. e GOBETTI, Eusdete de Jesus T. (Orgs.). **São Pedro na Ponta do Lápis II** – uma proposta de alfabetização de jovens e adultos. Vitória: FAESA, 2007.

LIMA, Ana Christina de Abreu A. O projeto São Pedro na Ponta do Lápis II. In: LIMA, Ana Christina de Abreu A. e GOBETTI, Eusdete de Jesus T. (Orgs.). **São Pedro na Ponta do Lápis II** – uma proposta de alfabetização de jovens e adultos. Vitória: FAESA, 2007.

ROMÃO, José E. Compromissos do educador de Jovens e Adultos. In: GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo: Cortez, 2005.

-
- | | |
|---|--|
| 1 - ANA PAULA LOURENÇO DIAS | paulinha_pancas@hotmail.com |
| 2 - FAMÍGLIA CRISTINA NEVES MARTINS BRAGA | familgia.cristina@hotmail.com |
| 3 - FERNANDA FRANQUINI POLTRONIERI | fernandaf.poltronieri@yahoo.com.br |

Alunas do Curso de Pedagogia da FAESA, Vitória, ES, em cumprimento às atividades da disciplina EJA: Pesquisa e Práticas Pedagógicas, sob orientação do professor ADALVO DA PAIXÃO ANTONIO COSTA, adalvocosta@terra.com.br